

O sujeito afásico: um estudo à luz da análise do discurso

Chirlene Santos da Cunha Moura
Marília Ana de Moura Aguiar

RESUMO: Este estudo volta-se para o sujeito da análise do discurso, o qual, atravessado pela ideologia, deixa de ser contemplado como indivíduo. Mais especificamente, o sujeito aqui descrito é o sujeito acometido por uma alteração neurológica, que pode ser causada por acidente vascular cerebral, traumatismo crânio-encefálico ou mesmo tumor, denominada afasia. O conceito de afasia adotado neste estudo remete à perspectiva discursiva, na qual esta é considerada uma questão de linguagem, um problema fundamentalmente discursivo, não redutível aos níveis linguísticos. O objetivo deste estudo é caracterizar o sujeito afásico à luz da análise do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Afasia

ABSTRACT: This study is about the subject of discourse analysis who, when crossed by an ideology, is no longer considered an individual. More specifically, the subject described here is the subject afflicted by a neurological impairment that can be caused by stroke, traumatic brain injury or tumor, called aphasia. The concept of aphasia used in this study refers to the discursive perspective, in which aphasia is considered a matter of language, a basically discursive problem, not reducible to language levels. The aim of this study is to characterize the aphasic subject in the light of discourse analysis.

KEYWORDS: Discourse. Subject. Aphasia

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que os indivíduos passam a ser apreciados como sujeitos falantes quando atravessados pela linguagem representada pelas suas formações ideológicas (PÊCHEUX, 1997), surge o interesse por questionar quem é este sujeito que recebe o adjetivo de afásico depois de passar por uma lesão cerebral que o deixa deficitário em suas funções linguísticas, e qual sua posição, como sujeito, frente ao discurso.

O conceito de afasia, segundo Cambier (1999), refere-se a uma desordem na função cerebral, que compromete a linguagem e a comunicação, o que gera um déficit na percepção. Jakubovicz e Cupello (2005) mencionam que as afasias são prejuízos que ocorrem no cérebro, levando a uma alteração da linguagem. A afasia é entendida por Morato (2002) como uma alteração no sistema linguístico, proveniente de lesão cerebral, que pode ser causada por acidente vascular cerebral, traumatismo crânio-encefálico ou mesmo tumor. O conceito de afasia adotado neste estudo remete à perspectiva discursiva. Nesta perspectiva, Morato (1999) destaca que a afasia é, basicamente, uma questão de linguagem, um problema fundamentalmente discursivo, não redutível aos níveis linguísticos.

Sendo assim, estando o conceito de afasia atrelado ao discurso, pode-se afirmar que a afasia seja, em última instância, uma questão social, uma vez que tudo que está no discurso deve estar, a um só tempo, na língua e na sociedade.

A análise do discurso é realizada no meio de um confronto entre a teoria e a prática de análise, ponderando o contato entre o histórico e o linguístico (PÊCHEUX, 1990b). Este trabalho, porém, volta-se para uma reflexão teórica em relação ao sujeito afásico, pautada pelas memórias de uma prática clínica fonoaudiológica.

O objetivo deste estudo é caracterizar o sujeito afásico – que, embora tenha sua linguagem desorganizada, é um sujeito atravessado na/pela linguagem – à luz da análise do discurso.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fazer um panorama histórico da análise do discurso é uma tarefa difícil até mesmo para alguns grandes teóricos (PAVEAU e SARFATI, 2006). Para Brandão (2002), os anos 50 foram marcantes para o estabelecimento da análise do discurso como disciplina, com a contribuição dos trabalhos de Harris, que iam além da análise da frase, e dos trabalhos de Jakobson e Benveniste sobre a enunciação. Paveau e Sarfati (2006), por sua vez, vêm ponderar que o surgimento desta corrente das ciências da linguagem – análise do discurso – só se deu ao final dos anos 60. Segundo Mazière (2007), o termo análise do discurso, doravante AD, foi usado por Harris, linguista americano, na França, entre os anos de 1960 e 1970. Esses trabalhos marcaram duas diferentes linhas teóricas de análise do discurso, a americana e a européia.

A AD apoia-se em alguns princípios. São eles: levar em conta a língua como objeto construído pelo linguista, considerar a gramática e considerar a síntese de línguas particulares. Na AD, os enunciados são objeto de investigação. A interpretação é proposta a partir de dados de língua(s) e de história, considerando as competências linguísticas reflexivas dos sujeitos falantes (MAZIÈRE, 2007).

O discurso leva em conta o enunciado produzido, considerando não apenas a frase, mas analisando como o interdiscurso e o contexto social e linguístico podem afetar o sentido da frase. Na AD, o enunciado está vinculado às condições de produção, históricas e políticas, e às interações subjetivas (MAZIÈRE, 2007). Pêcheux (1990a) também aponta a questão de sentidos diversos para um único termo numa determinada língua. Relações de sentido se estabelecem no momento em que um discurso remete a outro.

Condição de produção, na teoria linguística, está diretamente relacionada a contexto e situação dos discursos. Portanto, um discurso se dá sempre a partir de condições de produção (PÊCHEUX, 1990a). Conforme Orlandi (2000), as condições de produção são formadas por sujeitos, situação e memória, esta última relacionada ao discurso, tratada como interdiscurso, o qual é definido por Pêcheux (1997 p. 162) como “um todo complexo com dominante das formações

discursivas”, emaranhado pelas formações ideológicas. O interdiscurso deixa à disposição dizeres que permitem que o sujeito dê certo significado a uma determinada situação e não outro (ORLANDI, 2000).

Em relação ao sujeito, a AD estabelece uma relação teórica entre o sujeito assujeitado (do estruturalismo de Foucault, Althusser e Lacan) com a historicidade do enunciado (de Foucault) e a materialidade das formas da língua de Saussure, Harris e Chomsky (MAZIÈRE, 2007).

Koch (2005) aponta que a concepção de sujeito, língua, texto e de construção de sentido estão bastante relacionadas ao se estudar sobre discurso.

Para Orlandi (2000), a língua, como sistema abstrato, não é objeto de estudo da AD, nem a gramática, embora sejam de seu interesse. O objeto de estudo da AD é o próprio discurso, definido como a linguagem em prática, em movimento. Para L. Dolezel (1964 *apud* Pêcheux, 1990a), discurso é uma mensagem linguística proveniente de uma única frase ou um conjunto de frases.

A AD trata da língua em sua relação com os sujeitos que a usam dentro de certas situações de produção (ORLANDI, 2000). Pêcheux (1990a) define língua como “um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensões inferiores ao texto” (p. 62). Segundo Pêcheux (1990a), Saussure define língua como “uma instituição social”, “um sistema de signos que exprimem ideias” (p. 70)

Para Koch (2005), é a concepção de língua adotada que vai determinar a concepção de sujeito da linguagem. A autora apresenta, então, três posições que são ditas como clássicas em relação à concepção de sujeito. São elas:

- Sujeito da enunciação – é aquele responsável pelo sentido. A linguagem é vista como ação intersubjetiva (KOCH, 2003). O sujeito configura-se como dono de sua vontade e palavras. Descobrir a intenção do falante é interpretar; compreender é captar a porção do enunciado que traz a ideia central do falante. O predomínio da consciência individual do uso da linguagem é, portanto, a importante característica dessa concepção.

- Assujeitamento – sujeito dependente, repetidor. Lacan o denominou como “o sujeito que não sabe o que diz, visto que não sabe o que é” (KOCH, 2003). É a posição ocupada por esse sujeito que determina o que ele diz e faz. Seu discurso é fruto de algo anterior.

- Sujeito como entidade psicossocial – sujeitos ativos, os quais, ao participarem ativamente, são atores comunicativos que (re) produzem o social. Equilíbrio entre sujeito e sistema.

A noção de sujeito aplicada à teoria da AD se diferencia da noção de indivíduo, que é aquele tido como livre pensador e dono de seus posicionamentos. O sujeito, por sua vez, é aquele heterogêneo, dividido em relação a si mesmo, subjetivo (INDURSKY, 2008).

A noção de sujeito dentro da teoria da AD tem sofrido várias interferências e discussões ao longo das últimas quatro décadas. A primeira, formulada por Pêcheux em 1969, concebia o sujeito como “um lugar determinado na estrutura social”. Em 1975, em trabalho de co-autoria com Fuchs, Pêcheux passou a contemplar o sujeito na perspectiva de uma “teoria da subjetividade de natureza psicanalítica”. Mais tarde, ainda em 1975, reformulou a noção de sujeito propondo “uma teoria não-subjetiva da subjetividade” (INDURSKY, 2008).

Sendo assim, o sujeito da teoria da AD, entremeado pelo inconsciente e pela ideologia – noções atreladas à subjetividade –, é, portanto, contemplado como “aquele que não está na origem do dizer”, embora se contemple como sendo a origem de seu dizer (INDURSKY, 2008, p. 02).

Indursky (2008, p. 01) destaca que “a noção de sujeito não pode ser examinada de forma estanque e isolada”. Ela está atrelada a outras noções como: formação discursiva, ideologia e posição-sujeito.

Pêcheux, um dos grandes estudiosos da AD, elabora seus trabalhos, influenciado pelas ideias de discurso de Foulcaut e de ideologia de Althusser, conceitos fundamentais na ligação entre sócio-histórico e linguístico (BRANDÃO, 2002).

Orlandi (2000) e Brandão (2002) esclarecem que a materialidade da ideologia solidifica-se, dentre outros aspectos, por meio do discurso. Sendo assim, a formação ideológica – composta por uma ou várias formações discursivas, dentre outros elementos – é responsável por formar o discurso. Portanto, pensar em ideologia atrelada ao discurso é pensar em formação ideológica e formação discursiva. Orlandi (2000) acrescenta apenas que a materialidade do discurso é a língua.

Para Indursky (2008), a ideologia, assim como a formação discursiva, é heterogênea. A formação discursiva é idêntica a si mesma e dividida, enquanto a ideologia não é idêntica a si mesma, mas também tem como propriedade a diferença e divisão.

A ideologia é “que fornece as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram (...) o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1997 p.160). Brandão (2002) acrescenta o conceito de ideologia na visão de Marx e Althusser. Para Marx, a ideologia é um instrumento que a classe dominante usa com o propósito de fazer suas ideias serem as mesmas para todos, ou seja, a ideologia, para ele, é uma ilusão. Althusser, em seus estudos, volta-se para ideologias particulares falando de aparelhos repressores (governo, exército, polícia, prisões etc.) e de aparelhos ideológicos (religião, escola, família, sindicato etc.), diferenciados pelo modo de funcionamento. Os aparelhos repressores funcionam de modo a prevalecer a repressão, ficando em segundo plano a ideologia, enquanto que os aparelhos ideológicos, inversamente, funcionam de modo a prevalecer a ideologia. Posteriormente, Althusser introduz em seus estudos a noção de ideologia geral, formulando algumas

hipóteses, dentre as quais, a de que toda ideologia funciona de modo a formar indivíduos concretos como sujeitos.

O sujeito como ponto fundamental da ideologia também é descrito por Orlandi (2000). Para a autora, sem ideologia não existe sujeito e sem sujeito não há discurso. Há, portanto, uma relação entre sujeito, discurso e ideologia.

Resumidamente, a formação discursiva é constituída por enunciados discursivos que têm uma relação com a ideologia vigente, ponderando a existência do sujeito neste percurso (INDURSKY, 2008). Considerando que a noção de sujeito esteja atrelada às noções de formação discursiva, de ideologia, noções já discutidas neste trabalho, resta apresentar a noção de posição-sujeito, que, segundo Pêcheux, está atrelada à noção de formação discursiva. Antes, porém, haverá uma descrição relacionada à forma-sujeito, para daí chegar à posição-sujeito.

Indursky (2008) descreve as três modalidades¹ da forma-sujeito adotadas por Pêcheux. São elas:

- Superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito da formação discursiva – aqui está marcado o discurso do ‘bom sujeito’, em que há uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da formação discursiva, determinando uma unicidade imaginária do sujeito.

- Desdobramento da forma-sujeito – aqui está marcado o discurso do ‘mau sujeito’, que é aquele que através de uma tomada de posição se contrapõe à forma-sujeito. Em outras palavras, é quando o sujeito do discurso contra-identifica-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta.

- Desidentificação – não indica a “liberdade” do sujeito, mas é indício de que se identificou com outra formação discursiva, desvinculando-se de uma antecedente. Esta modalidade de desidentificação ocorre sob o efeito entre o inconsciente e a ideologia.

Em decorrência da heterogeneidade da formação discursiva, que é consequência do desdobramento da forma-sujeito, pode-se afirmar que o sujeito da AD é um sujeito dividido (INDURSKY, 2008).

Depois desta descrição sobre a forma-sujeito, é possível compreender o termo referente à posição-sujeito. Indursky (2008) usa o termo fragmentação da forma-sujeito para designar a divisão da forma-sujeito em um número maior de diferentes posições de sujeito. Com a fragmentação da forma-sujeito, não há apenas duas posições-sujeito, o bom e o mau; há a possibilidade de existência de várias posições-sujeito. Existe sempre aquele que se identifica com a posição-sujeito dominante,

¹ Nome adotado por Pêcheux para designar as partes em que ele desdobrou a forma-sujeito.

ou seja, o bom sujeito, em contrapartida àqueles que vão se distanciando dos saberes da posição-sujeito dominante, dando origem ao mau sujeito.

Há a possibilidade de convivência entre duas posições-sujeito dentro da mesma formação discursiva, a dominante e a dissidente, sem romper com o domínio do saber em que se inscrevem. Essas diferentes posições-sujeito representam diferentes maneiras de lidar com a ideologia (INDURSKY, 2008). É dessa premissa que partimos ao refletir sobre o sujeito que passa a ocupar a posição de afásico.

2. REFLEXÕES ACERCA DO SUJEITO AFÁSICO

Antes mesmo de chegar a refletir sobre o discurso do sujeito atingido pela afasia, cabe trazer algumas informações metodológicas importantes para o bom raciocínio do leitor. Salientamos que este é um estudo teórico com uma reflexão embasada em dados empíricos de terapias fonoaudiológicas com tratamento voltado para a reorganização da linguagem do afásico.

Para analisar um discurso, o linguista conta com um *corpus* que se forma a partir da organização de partes de enunciados mais ou menos longos e mais ou menos homogêneos. Outro aspecto relevante a se considerar é que, para estabelecer um *corpus*, o analista deve mobilizar sua posição em relação à língua e a seu funcionamento, em relação aos falantes e a seu grau de autonomia e em relação às pressões advindas dos gêneros da fala (MAZIÈRE, 2007). Neste estudo, porém, não vamos analisar nenhum recorte de discurso, portanto não haverá *corpus*; mas refletiremos sobre o sujeito (não indivíduo) que está envolto pelo discurso.

Mesmo sem um *corpus* de análise, por se tratar de uma reflexão sobre o sujeito, é essencial a adoção de uma noção de língua. A língua, na perspectiva da AD, tem propriedades que envolvem formas que, ao longo do percurso histórico, foram fixadas (MAZIÈRE, 2007). Isso se justifica quando, numa mesma língua, ao dizermos algo de modo diferente, mesmo com palavras sinônimas, o sentido fica alterado.

Para Pêcheux (1990b), a língua é atravessada por uma divisão discursiva de manipulação de significações e por outra de transformação de sentido. Por isso, o autor considera que todo enunciado está sujeito a sofrer deslocamento de sentido e transformar-se em outro diferente dele próprio. Isso ocorre pelo fato de haver certa delimitação e muitos espaços, o que viabiliza não apenas um, mas alguns sentidos possíveis. Desse modo, o sujeito, ao se posicionar como sujeito-falante, tem participação no deslizamento da língua, o que não é diferente com o sujeito que assume a posição de sujeito afásico.

Para endossar, Mazière (2007, p. 21) discorre que o sujeito falante não tem “uma gramática na cabeça”, nem uma intencionalidade ao se comunicar. Em sua perspectiva, o sujeito da AD é

aquele que tem uma capacidade natural de falar a própria língua. A essa capacidade dá-se o nome de reflexividade.

Graças ao conhecimento de que todo sujeito tem uma capacidade natural de falar a própria língua, é consenso entre os terapeutas, mais especificamente os fonoaudiólogos, que um indivíduo, ao sofrer uma lesão cerebral que leve a desorganizar sua linguagem, não tem a necessidade de ser ensinado. O que este sujeito precisa é posturar-se, frente a esta nova posição, como sujeito que tem a capacidade de falar/escrever, embora precise reorganizar a habilidade.

Até o momento, está claro que o sujeito do qual estamos tratando aqui não é um indivíduo; o sujeito da AD é um “lugar sujeito”, que, segundo Mazière (2007, p. 22), pode ser descrito da seguinte maneira:

O marxismo (...) o sujeito. Foucault o dispersa na formação discursiva. A colaboração entre lingüistas e psicanalistas o resgata do psicologismo. A colaboração com os historiadores introduz um sujeito da história. O peso da interdiscursividade organiza ‘a deslocalização tendencial do sujeito enunciador’ na materialidade dos enunciados de Michel Pêcheux. As sofisticções da pragmática o reconfiguram em uma escala de ações e de co-ações enunciativas e semânticas na qual ele pode se multiplicar e se diluir. Nos casos mais simples, o sujeito é, no mínimo, dois: falante empírico e enunciador lingüístico.

Segundo Brandão (2002), o conceito de discurso fundado por Foucault também está ligado à noção de sujeito. Discurso definido como um conjunto de enunciados que direcionam a uma mesma formação discursiva. Essa relação entre discurso e sujeito justifica-se pelo fato de que o enunciado, ao apresentar algumas características próprias de sua constituição, tem, dentre elas, uma que diz respeito à relação do enunciado com seu sujeito.

O sujeito é apreciado como um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos ao formularem o enunciado, tendo papel no “processo de organização da linguagem e não como “fonte geradora de significações” (BRANDÃO, 2002, p. 30). Esse processo de (re)organização da linguagem não é “privilégio” exclusivo do afásico, é um fator intrínseco à posição-sujeito social e historicamente determinada e regulada pela formação ideológica. O sujeito afásico, atravessado pela formação ideológica, ocupa um lugar em que suas atitudes não são nem individuais, nem universais; são resultado da posição ocupada (afásico) em conflito com a posição-sujeito “normal” (professor, doutor, pai de família etc.). Daí seu discurso ser caracterizado por expressões como “não sei”, “tá aqui, mas não consigo dizer” (apontando para a cabeça, referindo-se à mente) com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais uma posição de domínio de sua linguagem.

Esses dizeres do sujeito afásico também remetem à formação discursiva bem marcada em seu discurso, uma vez que é a formação discursiva que regula “o que pode e deve ser dito” e um lugar social e historicamente determinado, ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva,

“não consegue”, “não pode”, não mais ocupa o lugar de chefe da família, depende dos outros para conduzi-lo à terapia, para preparar sua refeição etc.

Outro aspecto interessante a ser analisado quanto ao sujeito afásico, concernente a sua prática discursiva, diz respeito às formações imaginárias, que, segundo Pêcheux (1990a), são as imagens que emissor e receptor do discurso fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. É provável que seja por via das formações imaginárias que o sujeito afásico se auto-avalia como o sujeito que não “pode dizer”, pois imagina que o outro não o compreenderá ou não há de querer aguardar para que ele organize suas ideias e as emita num tempo um pouco maior que o “normal”. Usam-se as aspas porque, até mesmo em um discurso dito normal, em algumas ocasiões existe a necessidade de se demorar um pouco, indo além para amarrar um pensamento e transmiti-lo de forma mais coerente e compreensível. É este fato que o sujeito acometido pela afasia necessita assimilar para se sentir mais autônomo e mais dono de seu próprio discurso.

A emissão de uma sequência discursiva e sua recepção desempenha um papel de codificação e decodificação, respectivamente. A decodificação, por sua vez, divide-se nas modalidades externa e interna. A decodificação externa está vinculada a uma resposta do receptor ao emissor inicial e a decodificação interna está presente em toda situação discursiva (PÊCHEUX, 1990a). Tomando a decodificação externa como um *feedback* da situação comunicativa, o sujeito afásico pode se beneficiar dando uma fluidez maior a seu discurso, desde que seu interlocutor esteja interessado em entender e se fazer entendido, ou seja, em se comunicar.

Para Foucault (2004), a produção do discurso é organizada por um determinado número de procedimentos. Dentre estes, a análise aqui realizada voltar-se-á para os procedimentos de exclusão externos, os quais estão relacionados às condições históricas. São eles: interdição, separação e rejeição, vontade de verdade. Aqui, trataremos apenas dos dois primeiros.

A interdição consiste em não poder dizer tudo ou qualquer coisa que se queira dizer em qualquer circunstância (FOUCAULT, 2004), que não é o que acontece no caso do sujeito afásico. Com o sujeito afásico, o fato não é não poder, mas sim, não conseguir dizer da maneira que pretende.

Outro princípio de exclusão existente na sociedade é o de separação e rejeição. Esse princípio concebe o louco como aquele cujo o discurso é impedido de circular como o dos outros. Hoje já há algumas modificações, pois a palavra do louco não é mais inaceitável, já se busca um sentido para ela (FOUCAULT, 2004). Nessa perspectiva, o discurso do sujeito afásico, durante bastante tempo, foi contemplado como um discurso “não-normal”, discurso do louco, por assim dizer, sendo rejeitado. Hoje, assim como o discurso do louco, o discurso do afásico tem mais aceitabilidade. Essa aceitabilidade, que, de acordo com Marcuschi (2009), é um dos fatores de textualidade, não é o fator mais importante a se considerar em relação ao discurso do afásico. O mais importante é o sentido de que é carregado esse discurso.

O sentido, como fundamental à AD, é fruto da compreensão gerada por objetos simbólicos e dotado de significância para e por sujeitos. O sentido reside na relação com as condições de produção (ORLANDI, 2000). Logo, o sujeito e a situação estão relacionados ao sentido de determinado discurso, o que remete ao fato de que, quando afásico, o discurso do sujeito tem determinados sentidos, que não o de outro sujeito não-afásico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito afásico descrito neste estudo apresenta algumas características particulares. Antes consideremos que há vários caminhos para se refletir sobre o discurso. Quanto à análise do discurso, há três caminhos – como acontecimento, como estrutura ou na tensão entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, 1990b). Aqui, como acontecimento, há uma reflexão não sobre o contexto imediato, mas uma busca pela memória – como interdiscurso – que permite que o discurso do sujeito afásico seja dotado de certo sentido, tomado este como aspecto central no discurso de todo o sujeito, quer afásico ou não; um sentido que propicia que o discurso do sujeito, mesmo necessitando de alguns ajustes, seja gerador de compreensão por parte do outro sujeito que ocupa lugar de interlocutor no contexto comunicativo.

À luz da AD, todo sujeito tem um papel importante na organização da linguagem, e isso não se restringe ao sujeito afásico; é uma das características de todo sujeito que se comunica, não no sentido de transmitir informações, mas de interagir, o que envolve a língua e o social.

A necessidade de (re)organização de linguagem do sujeito afásico dá-se pelo comprometimento característico da lesão neurológica por ele sofrida. Embora esta não seja razão para que o sujeito se tome como desprovido da menor habilidade possível para comunicar o que pretende. A razão para isso dá-se pela tomada de uma nova posição-sujeito, em que se julga não capacitado e é apreciado como tal, justificado pela formação discursiva.

As formações imaginárias também são bem marcantes do discurso do sujeito, pois ele se constitui sujeito afásico a partir da imagem que faz de si como emissor do discurso, e da imagem que julga que o receptor faz dele. Daí o discurso conter expressões queixosas de uma impossibilidade de transmitir o que deseja, sem antes mesmo tentar. Nesse ponto, também é possível perceber o momento em que o sujeito afásico se afasta da posição sujeito dominante. É nesse momento, que há o desdobramento, ou até mesmo a desidentificação com a forma-sujeito em alguns casos.

Diante de tudo isso, conclui-se que o sujeito afásico tem, em seu auxílio, alguns recursos que o podem beneficiar como sujeito do discurso, se forem assim tomados. A decodificação externa é um desses recursos, que, se tomada como um *feedback* da situação comunicativa, pelo afásico, pode levá-lo a perceber quando não está sendo compreendido, ficando clara a necessidade de reformular o que previamente havia dito, de forma a se fazer melhor entender.

A partir deste estudo empírico, com algumas contribuições no campo das afasias, bem como no campo da linguagem, sugere-se a continuidade através de um estudo de campo com análise do discurso do sujeito afásico. As considerações, aqui apontadas, são apenas resíduos, de uma vasta gama de conhecimentos que um estudo mais profundo poderá trazer. Portanto, este não pode ser tomado por encerrado.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, M. H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- CAMBIER, J.; MASSON, M.; DEHEN, H. *Manual de neurologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramentos, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETO, E.; CAZARINI, E. (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- JAKUBOVICZ, R.; CUPELLO, R. *Introdução a afasia: diagnóstico e terapia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- KOCH, V. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Ed. especial. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- MAZIÈRE, F. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- MORATO, E. M. Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos. In: *Distúrbios da comunicação*. São Paulo: PUC-SP, 1999.
- _____. M. *Sobre as afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- PAVEAU M. A.; SARFATI, G. E. *As grandes teorias da Lingüística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. *Análise automática do discurso*. In: GADET, F.; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990a.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990b.